

## Reseña de Publicaciones

### Gringo<sup>1</sup> na laje: produção, circulação e consumo da favela turística

Freira-Medeiros, Bianca. Rio de Janeiro: Editora FGV, 164 pags (Coleção FGV de bolso. Série Turismo), 2009.  
ISBN 978-85-225-0741-2

**Rafael José dos Santos<sup>i</sup>**

Desde as duas últimas décadas do século XX as ciências sociais vêm tentando ultrapassar os modelos explicativos baseados em dicotomias e polaridades, não raro portadoras de juízos de valor. A superação destes modelos ou paradigmas, construções abstratas que dizem mais sobre si mesmas do que sobre os universos empíricos estudados, tem sido possível, por um lado, pela adoção de novos referenciais compreensivos e interpretativos e, de outro, pela própria dinâmica multifacetada e complexa dos fenômenos sociais na contemporaneidade.

Os estudos sócio-antropológicos do turismo, em particular, caracterizaram-se inicialmente pela presença de dicotomias e, sobremaneira, por valorações que impediam apreender os processos turísticos em suas ambigüidades e contradições constitutivas. Uma das razões, certamente não a única, dizia respeito ao fato dos pesquisadores, majoritariamente de países “centrais”, lançarem seus olhares sobre dinâmicas do chamado “terceiro mundo” em um contexto no qual os organismos internacionais e muitos governos locais pensavam o turismo como a grande possibilidade de desenvolvimento econômico. Instauravam-se, assim, olhares que ora supervalorizavam o turismo como meio de desenvolvimento, ora acusavam-no de promover não só a exploração econô-

mica das populações dos destinos, mas também de descaracterização das identidades culturais locais. Esta segunda perspectiva originava-se em uma preocupação de sociólogos, mas muito mais de antropólogos, com a mercantilização das relações sociais e com as mudanças culturais desencadeadas pela dinâmica turística. Neste sentido o termo “impacto” conotava a visão dominante sobre o turismo. Outra preocupação era com a “exotização” das populações nativas, bem como com a autenticidade ou não de suas manifestações culturais quando estas eram preparadas para apresentação aos visitantes.

É certo que, embora hegemônicos, estes paradigmas não eram os únicos, nem as populações da periferia do capitalismo eram as únicas a serem estudadas. Entretanto, as marcas da origem ainda resistem em uma ou outra análise dos processos turísticos, e a prática de *tours* bem como a turistificação de espaços continuam sendo objeto de valoração negativa por alguns cientistas sociais.

Neste sentido o trabalho de Bianca Freire-Medeiros e sua equipe constitui uma contribuição fundamental, tanto do ponto de vista teórico como metodológico. O fato de a obra possuir dimensões físicas pequenas (editada na coleção FGV de bolso)<sup>2</sup> engana à primeira vista: trata-se

<sup>i</sup>Doutor em Ciências Sociais, mestre em Antropologia, Professor do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil. E-mail: rjsantos@ucs.br

de um resultado parcial, como reitera várias vezes a autora, de uma pesquisa coletiva coordenada por ela e que tem como tema a chamada *favela turística*. Entretanto, são poucos os temas sócio-antropológicos do Turismo que ficam fora da obra, o que transforma o livro também em uma excelente síntese.

Embora a autora se concentre na prática do turismo na Favela da Rocinha, zona sul do Rio de Janeiro, os limites da investigação são bem mais amplos, lembrando a distinção entre estes e os “limites da observação” (Feldman-Bianco, 1987: 8). Do ponto de vista empírico a pesquisa integrou o projeto “Touring poverty in Buenos Aires, Johannesburg and Rio de Janeiro”, patrocinado pela *Foundation for Urban and Regional Studies*. Isso possibilitou à autora estabelecer perspectivas comparativas entre as localidades de Villa 20, Soweto e Rocinha, sendo esta o foco de seu trabalho.

Além da investigação calcada na observação direta, participação em passeios e em entrevistas com os diferentes grupos de atores sociais, outras fontes informaram a pesquisa, entre elas relatos de visitantes estrangeiros aos morros cariocas no início do século XX, reportagens de jornal, produções cinematográficas e blogs e fotoblogs de turistas, nos quais a pesquisadora e equipe puderam também analisar, além das postagens, as narrativas fotográficas produzidas durante os *tours*.

Ao abordar um processo bastante complexo, as visitas de turistas estrangeiros a uma favela, a autora não apenas escapa do pensamento dicotômico e valorativo, bastante recorrente em relação ao tema, como toma a própria valoração de juízo como um de seus temas. Além disso, estende suas discussões teóricas para muito além daquelas sobre relações entre “visitantes” e “visitados” e que, diga-se de passagem, não constituem grupos homogêneos como bem ela identifica. Além de abordar outros atores sociais, como as agências organizadoras dos *tours* e os guias de turismo, a autora puxa os fios das meadas temáticas suscitadas pelos achados empíricos. Assim, além da ques-

tão da *pobreza turística*, temas clássicos como o da autenticidade e da exotização são tratados com a complexidade merecida e a partir de uma perspectiva múltipla que vai da Antropologia à História, da Sociologia à Filosofia.

Inicialmente a autora toma como mote a produção de um videoclipe de Michel Jackson filmado na Favela da Rocinha em 1996 e refere-se às críticas das autoridades cariocas quanto ao fato da produção mostrar uma imagem ruim da cidade. A questão da imagem da pobreza é um dos temas que perpassa todo o livro, aparecendo, inclusive, nas falas de alguns moradores ao comentarem a prática do turismo no local. Dez anos depois da presença de Michel Jackson na Rocinha, a favela entrou para o guia turístico oficial do Rio de Janeiro. A imagem da favela é abordada pela autora também em relação à produção cinematográfica, com ênfase em *Cidade de Deus*, de 2002, dirigido por Fernando Meirelles. Trata-se de uma alusão fundamental para a pesquisa, na medida em que o filme tem repercussão internacional e passa a integrar o elenco de referências que potencialmente constituem a “antecipação da experiência” da viagem conforme John Urry em *Consuming places* (1995) citado pela autora. A “favela cinematográfica” (Freire-Medeiros, 2009: 22) de *Cidade de Deus*, mas também de *Tropa de Elite*, 2007, e até mesmo d’ *O Incrível Hulk* de 2008 informa, portanto, um imaginário mediador do olhar.

No segundo capítulo a autora se debruça sobre a transformação da pobreza em atração, percorrendo um caminho histórico que vai das visitas aos bairros pobres de Londres na era vitoriana – o *slumming* – à turistificação de lugares de pobreza. É nesse momento que o tema do turismo como promotor ou não de desenvolvimento é levantado por Freire-Medeiros.

Os capítulos seguintes concentram-se na prática do turismo na favela da Rocinha em particular e o vasto elenco temático desdobra-se: os souvenirs, a encenação da autenticidade, o turismo como experiência, as relações entre visitantes e visitados, as identidades culturais. Entre

os temas recorrentes na Antropologia do Turismo elencados por Nelson Graburn (2009) poucos não são tratados pela autora: os museus, as questões de gênero, etnicidade e ecoturismo<sup>3</sup>. O que torna as reflexões produtivas é o fato já referido de cada tema surgir de situações observadas e/ou de falas de atores sociais. A experiência turística, por exemplo, é pensada a partir de depoimentos de visitantes que, por sua vez, não constituem um grupo com visão homogênea, como também não acontece com os moradores ao serem interpelados pelos pesquisadores na condição de “visitados”. Uma inovação da autora em relação à questão da experiência turística na favela é a problematização, a partir da Filosofia, da dimensão da *compaixão* (Freire-Medeiros, 2009: 124-125). Outro aspecto interessante, este do ponto de vista metodológico, é que a autora não se esquece de ver a si mesma e aos seus colaboradores como atores no processo estudado, o que a aproxima das concepções antropológicas contemporâneas sobre o papel e o lugar do pesquisador em campo: “Eu e minha equipe, por mais que tenhamos feito uma rede de contatos, por mais que tenhamos sido acolhidos, sempre fomos vistos como ‘outra coisa’: nem população local nem gringo” (Freire - Medeiros, 2009: 134).

A abordagem de sujeitos sociais concretos, inclusive os pesquisadores, leva à percepção da complexidade e das ambigüidades da turistificação da favela e, consequentemente, à superação das visões dicotômicas tão caras ao senso comum:

Descobrimos, então, que se trata de um contínuo, e não de uma dicotomia organizada em pólos distantes. Moradores, turistas, guias, pesquisadores e outros mais estamos todos constantemente negociando e renegociando uma nova gramática cuja pretensão é acomodar, no território da favela turística, emoções e dinheiro, intimidade e atividade econômica, lazer e pobreza, diversão e comiseração. (Freire-Medeiros, 2009: 140).

O turismo na favela, portanto, não é condenado ou visto como salvação para os

males da pobreza, mas transformado em oportunidade heurística na qual se revelam dimensões tanto do turismo como da sociedade e da cultura contemporâneas. O trabalho de Freire - Medeiros não reivindica a Antropologia como referência disciplinar única, mas constitui, sem sombra de dúvida, uma contribuição antropológica fundamental e que não se restringe ao Turismo: trata-se de uma lição teórica e metodológica para pesquisadores, docentes e estudantes.

### Bibliografia:

- Feldman-Bianco, Bela (org). Antropologia das sociedades contemporâneas. São Paulo: Global, 1987.
- Graburn, Nelson. Antropologia ou antropologias do turismo? In Graburn, Nelson [et al]. Turismo e antropologia: novas abordagens. Campinas, SP: Papirus, 2009. (Coleção Turismo).
- Urry, John. Consuming places. Londres: Roudglege, 1995.

### NOTAS

1 O termo “gringo” no Rio de Janeiro refere-se a estrangeiros brancos não lusófonos. A “laje” é uma espécie de terraço formado pelo teto de construções populares no Brasil. Em favelas como a Rocinha, as lajes possuem visão privilegiada da cidade e do mar.

2 FGV é a sigla de Fundação Getúlio Vargas, prestigiada instituição brasileira de pesquisa na qual a autora trabalha.

3 O antropólogo norte-americano elenca “o desenvolvimento do turismo e seus ‘impactos’”, a “autenticidade”, “artes turísticas e suvenires”, “eticidade, identidade e patrimônio”, “museus e a vitrine cultural”, “turismo e experiência”, “gênero e sexo” e “antropologia aplicada, ecoturismo e a moralização do turismo”.

*Recibido:* 30/11/2010  
*Reenviado:*  
*Aceptado:* 24/01/2011

*Sometido a evaluación por pares anónimos*